

POR UMA REEDUCAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA NOS ENTRAVES DA VARIÇÃO LINGUÍSTICA PRESENTE EM UM LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO

Maria Dayane de Oliveira (CAMEAM/UERN Bolsista PIBID)
Maria Jackeline Rocha Bessa (CAMEAM/UERN Bolsista PIBID)
Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra (UERN)

RESUMO

A variação linguística se apresenta como um tema muito discutido nas escolas brasileiras. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo verificar o tratamento dispensado à variação linguística por um livro didático de Língua Portuguesa, adotado em uma escola pública brasileira de ensino médio. A luz dos teóricos Bagno (1999, 2003, 2007) e Antunes (2007) entre outros estudiosos que discutem variação linguística e o preconceito linguístico impregnado na sociedade e em políticas educacionais. O corpus do nosso trabalho constitui-se de um capítulo do livro de Língua Portuguesa, “Português - língua - literatura - produção de texto”, das autoras Abaurre, Pontara e Fadel (2005), do ensino médio, adotado pelas escolas públicas brasileiras do PNLEM 2009. O livro apresenta uma preocupação com as variações linguísticas, o que não se configura na maioria das escolas. Concluímos que estudos ligados à Sociolinguística vêm se tornando cada vez mais importantes para o ensino de Língua Portuguesa.

Palavras - chave: Reeducação sociolinguística; Variação linguística; Livro didático; Língua Portuguesa; Ensino médio.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos sociolinguísticos, que ganharam mais importância ainda em 1964, com o estudioso William Bright, foram de extrema importância para o que hoje é denominado preconceito linguístico e variação linguística. Foi a partir desse estudioso que a Sociolinguística se tornou um campo tão discutido hoje em dia. Assim, vários estudiosos dedicam suas pesquisas às variações e ao preconceito linguístico. Lidar com as diferentes formas de falares que existem em nossa sociedade tem se tornado algo muito discutido para os estudiosos da linguagem. Nesse contexto, a ciência que estuda a linguagem, principalmente a sociolinguística não vê essa variedade de falares como “errado” ou “feio” ou ainda qualquer outro adjetivo do tipo, mas vê somente como variação linguística. Pensando assim o grande desafio é mudar este pensamento dos defensores da gramática tradicional que veem como língua “certa” somente aquela falada “corretamente” ou “norma padrão”. Uma grande estudiosa da área dos estudos sociolinguísticos, Antunes (2007) diz que o cerne da questão é o social, ou seja, o que mais influencia o preconceito linguístico é a posição social do indivíduo. Vejamos, que nessa citação, a autora é bem enfática nesse sentido, pois, para ela, o preconceito linguístico e o social estão intimamente ligados.

Para verticalizar essa discussão, analisamos o capítulo *cinco* do livro didático de Língua Portuguesa, *língua – literatura – produção de texto* do 1º ano do ensino médio do PNLEM de 2009, com o objetivo de constatar como a variação linguística é trabalhada nesse material. Para isso, tomamos como aporte teórico Bagno (1999, 2003, 2007) e Antunes (2007), os quais discutem o trabalho com o preconceito linguístico e a variação linguística no ensino de Língua Portuguesa.

Apresentaremos, a seguir, o Referencial Teórico, em que trataremos das variações linguísticas na visão dos autores citados acima. No segundo momento, mostraremos a Análise dos dados, em que procuraremos mostrar como estão sendo trabalhadas as variações linguísticas em um capítulo do livro didático de Língua Portuguesa, “Português - língua – literatura – produção de texto”, das autoras Abaurre, Pontara e Fadel (2005), do ensino médio, que foi adotado pelas escolas públicas brasileiras do PNLEM 2009. E, em seguida, nas Considerações Finais, retomaremos os resultados obtidos e discutiremos perspectivas de aplicação para o estudo.

2 APORTE TEÓRICO

2.1 Contexto histórico da Sociolinguística

Para melhor entendermos os estudos sociolinguísticos, faremos um pequeno arremate dos dessa disciplina tão relevante para os estudos da linguagem. Antes da Sociolinguística, não se pensava em fatores externos: o meio social, a cultura, o contexto situacional, nada disso era considerado, desde que Saussure decidiu deixar de lado a fala e focar seus estudos na língua que, para ele, era homogênea, um sistema fechado e invariável.

Depois de Saussure vieram estudiosos como SCHLEICHER, que definiu a língua como um fenômeno natural, para ele, a língua nasce, cresce, e morre. Esta concepção afastava ainda qualquer intervenção social na língua, até que MILLET (1977) vem colocar que a história das línguas é inseparável da cultura e da sociedade, outro estudioso que se opõe à postura do estruturalismo Saussuriano foi BAKHTIN, a partir do momento que traz para os estudos linguísticos, a noção de comunicação social atrelada a ideia de interação, COHEN vem assumir a questão da relação entre linguagem e sociedade, é neste ponto que a sociolinguística dá um de seus maiores saltos, porque é a partir daqui que passou a observar-se os fatores externos, dentre os quais poderíamos encaixar, as divisões sociais, as variedades da linguagem, que permite abordar temas como: distinção entre variedades rurais, urbanas e

de classes sociais, os estilos da linguagem (variedades formais e informais), formas de tratamento, a linguagem de grupos segregados entre outras tantas variedades, é dentro deste contexto que BENVENISTE (1963) coloca que não se pode conceber língua sem sociedade, nem sociedade sem língua, em outras palavras, uma não existe sem a outra.

Em meio a tantos conflitos a sociolinguística se fixou em 1964, num congresso, organizado por William BRIGHT, na universidade da Califórnia, em Los Angeles que reuniu vários estudiosos voltados para a questão linguagem e sociedade.

A Sociolinguística nasceu marcada por uma origem interdisciplinar que inclui a contribuição de disciplinas como a sociologia da linguagem, a linguística, a antropologia, a etnografia da comunicação, entre outras. Mas apesar de englobar tantas áreas, para Antunes (2007) a Sociolinguística é hoje uma disciplina autônoma, pois apresenta particularidades características, tendo como objeto de estudo a diversidade linguística, a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, em suas situações reais de uso.

Nessa perspectiva, constatou-se que, ao estudar qualquer comunidade linguística, a conclusão imediata é a existência da diversidade ou da variação. Cabe ainda dizer que toda e qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibirá variações. Nenhuma língua se apresenta como entidade homogênea e, ao estudá-la, a Sociolinguística irá deparar-se com variedades linguísticas existentes numa mesma comunidade, cujo conjunto constitui o repertório verbal dessa comunidade, que não é arbitrário, pelo contrário, é motivado e organizado dentro de regras próprias.

Neste sentido, podemos dizer que a Sociolinguística não vê as variações como um problema a ser resolvido, ou como algo fora da norma-padrão e que precisa ser exterminado, ao contrário, encara a variação como uma qualidade em seu processo constitutivo.

2.2 Variações linguísticas nos livros didáticos e a relação língua x gramática

Os livros didáticos têm sido ponto de discussão há algum tempo nas escolas e nas diferentes regiões do nosso país, pois a maioria dos manuais trata o fenômeno da variação linguística de forma descontextualizada. Apesar do interesse do PNLEM, ainda há muitas divergências com relação ao preconceito linguístico apresentado nos livros didáticos (LD). Pois a variação linguística trabalhada em muitos livros apresenta uma realidade que não existe. O tratamento dado às variações é de extrema falta de conhecimento por parte de pessoas que poderiam e deveriam fazer o melhor pela educação e tratar as variações linguísticas na sua realidade sem muitas invenções. O que alguns livros tem mostrado é que

somente pessoas de classes sociais baixas, pessoas não escolarizadas ou que vivem na zona rural falam errado. Vejamos os livros que logo conseguimos detectar como o fenômeno da variação é trabalhada, como por exemplo, vemos os personagens Chico Bento sendo trabalhado, se formos pensar qual a ideia que isso quer passar, é que percebemos que já se trata de um preconceito. Temos que ter em mente que não existe erro, na verdade o que há são variações, as quais deveriam ser tratadas dessa forma pelos livros didáticos.

Outro problema sério com relação aos livros didáticos é que, em sua maioria, são produzidos na região Sul, a qual apresenta uma realidade bem diferente de outras regiões do Brasil, o que pode influenciar aos alunos na hora de saber as variações existentes no nosso país. Isso acarreta um grave problema para o professor que precisa lidar com essa diferença de realidade. Nesse sentido, retomamos Bagno (2007, p.129) quando diz que se o livro é de outra região em que a forma de falar é diferente, o aluno sente que está falando errado ou feio..

Temos observado mudanças nos livros didáticos, tanto que estão tentando trazer à tona e combater o preconceito linguístico nos livros didáticos. Mesmo assim isso tem acontecido de uma maneira ainda sem muito rumo, seria como se estivessem ainda perdidos e tentando aprender a lidar com tantas variações e principalmente com um sistema fechado em que sempre o que prevaleceu foi a gramática pura e seca, sem aberturas. Vejamos o que diz (Millôr 1994 *apud* ANTUNES, 2007, p. 98) sobre a importância da gramática para o ensino:

Quando os eruditos descobriram a língua, ela já estava completamente pronta pelo povo. Os eruditos tiveram apenas que proibir o povo de falar errado. E diz ainda “Nenhuma língua morreu por falta de gramáticos. Algumas estagnaram por falta de escritores. Nenhuma sobreviveu sem o povo. (Millôr1994 *apud* ANTUNES, 2007, p. 98)

O que o autor quis passar nesta citação e que parece bem pertinente, se levarmos em conta que se trata de uma citação bem clara sobre a relação gramática x língua. Vejamos que como disse o autor, nenhuma língua morreu por falta de gramáticos e nem poderia, pois é na e pela língua que o ser humano se comunica. Nenhuma língua sobrevive sem o povo, ou seja, é na sociedade que ela evolui, se mantém viva. Em contrapartida, não seria conveniente pensar que pelo simples fato de haver variações linguísticas, pode-se também dizer que “tudo pode” que “tudo comunica”, como diz Antunes (2007, p. 99), “nem sempre é assim, não basta somente se fazer entendido, é preciso antes de tudo e mais do que tudo saber adequar a língua à situação na qual se está inserido”. Ainda seguindo a linha de pensamento da autora, é conveniente dizer que, no estudo da linguagem e de suas variações, o bom falante é aquele

que sabe adequar a sua fala ao contexto no qual está inserido. Se estiver em um evento formal, em que há pessoas discutindo assuntos científicos ou políticos, por exemplo, não seria cabível falar uma gíria, não é uma expressão adequada para essas ocasiões, Mas se está em casa com a família ou em um bar com os amigos, a fala informal, como gírias, palavras que são típicas da família ao qual está inserido é mais do que aceitável.

Os livros didáticos em uso apontam que há uma discussão sobre o ensino além da gramática, será? São perguntas como essas que nos fazemos quando nos deparamos com alguns livros didáticos trabalhados no Brasil. Primeiro ponto, há uma preocupação por um ensino além da gramática? Não. vamos dizer por que não. As escolas, e os pais, desde cedo, colocam na cabeça do aluno que ele tem que aprender gramática. É como se a nossa língua fosse somente gramática o que não é. É preciso que saibam que a gramática por si só é insuficiente para um desenvolvimento e aprendizado de um aluno. Nesse sentido, Antunes (2007, p. 102) diz: “Que o foco no ensino seja a reflexão linguística, o pensar sobre a linguagem; centrados na dimensão discursiva e interacional da língua. Daí que, como se tem dito, o texto não é uma opção entre outras. É a opção”. De acordo com a autora, seria importante que, em vez de se trabalhar gramática pura em sala de aula, fosse dispensada uma atenção maior ao estudo do texto. Não é interessante, por exemplo, que um professor trabalhe com o aluno somente a gramática, bem mais proveitoso e que com certeza traria mais benefícios, seria se o professor trabalhasse, além disso, o sentido do texto o que está por traz de um texto. Nenhum leitor faz uma leitura procurando substantivos, pronomes, verbos. O leitor competente é aquele que procura os sentidos do texto.

O segundo ponto para discussão é a forma como está posta o preconceito linguístico. Se levarmos em conta os estudos de Bagno (2007), há um equívoco por parte daqueles que fazem os livros didáticos. Segundo o autor, há uma tendência em tratar as variações linguísticas como característica somente da zona rural, em meio às pessoas menos escolarizadas. Talvez esse seja o motivo de a maioria dos livros didáticos apresentarem como exemplos de variações linguísticas as tirinhas de Chico Bento, os sambas de Adoniram Barbosa ou os poemas de Patativa do Assaré, os quais não representam o fenômeno da variação linguística, presente em todos os lugares e em diferentes níveis sociais. Abordaremos esse ponto no próximo tópico, no qual trataremos das variações linguísticas e dos preconceitos advindos dessas variações.

2.3 As variações e o preconceito linguístico em uma sociedade heterogênea

As variações linguísticas estão ganhando cada vez mais espaço nos estudos linguísticos. Mesmo que isso não aconteça com a mesma intensidade nas escolas e, principalmente, nos livros didáticos. Vemos como tem sido forte a presença do preconceito advindo de região para região, por exemplo, o falar de uma pessoa da região sul e de outra da região norte apresenta diferenças, no sentido de que algumas palavras podem variar, como, por exemplo, macaxeira e mandioca; o preconceito advindo da idade, que seria a forma de falar diferente de uma pessoa com mais idade e outra mais nova como por exemplo, alguém de 18 anos tem um modo diferente de falar de alguém com 60 anos, que cresceu com outros costumes; ou simplesmente o “preconceito” que existe por algumas pessoas falarem diferente de outras, que acontece muitas das vezes porque tiveram pouca escolarização e sempre conviveram em meio a um tipo de falar que hoje torna-se “incorreto”.

É preciso ter em mente que existem variações na língua, a qual é heterogênea e variável. Por isso, temos que entender as variações como um fenômeno da linguagem que possibilita trocas de experiências e conhecimento. Pensando assim, temos que respeitar as várias formas de linguagem da nossa língua, pois a língua é viva e quem faz uso dela somos nós, a sociedade. É preciso colocar na mente, principalmente dos estudantes que serão futuros professores, que precisamos adequar a língua às situações nas quais estamos inseridos. Nesse sentido, destacamos o que Bagno (1999) afirma no livro “Preconceito linguístico” quando apresenta uma metáfora para explicar melhor como devemos lidar com as variações. Ele diz que ninguém vai à praia em um dia sol usando um terno de lã ou vai a um *shopping-center* de maiô. O que o autor quis dizer é que devemos nos adequar às situações.

Outro fator que chama a atenção nos estudos sobre a linguagem, e tentando entender melhor como o preconceito linguístico impregnou na sociedade, Antunes (2007) vem dizer que “o cerne da questão é o social, ou seja, o que mais influencia o preconceito linguístico é a posição social do indivíduo”. A autora acrescenta ainda que o uso da norma culta por si só não é garantia de boa linguagem, ou seja, se um sujeito é de uma classe social menos favorecida, ele vai sofrer mais linguisticamente do que aquele que é de uma posição social mais elevada. É como se a posição social fosse o fator principal para definir quem fala “certo ou errado”. Antunes (2007) ainda traz outra importante discussão no campo dos estudos do preconceito linguístico. Vejamos o que a autora diz:

Não é por acaso que também que, no imaginário social, a norma culta representa uma marca por excelência ou, pelo menos, da boa qualidade de uso da língua; quer dizer, instala-se a vinculação entre a boa linguagem e a classe social de maior prestígio. Consequentemente, essa norma culta é a

norma prestigiada, e a norma estigmatizada é exatamente a norma de classes menos favorecidas. (ANTUNES, 2007, p. 90).

Segundo a autora, o que era preconceito social passa a ser também preconceito linguístico. Vemos que a norma culta é tida como a certa e, por isso, falada pela sociedade prestigiada, já a norma estigmatizada, ou seja, das classes sociais menos favorecidas, passa a ser taxada como “feia” ou “errada”, entre outros adjetivos. O que fica claro é que o preconceito linguístico perpassa o campo da linguagem e vai também para o campo do social.

Há, por partes de alguns, o pensamento que há somente um modo certo de falar que é identificado como norma padrão e ainda, outros, que identificam esse modo certo de falar como sendo a norma culta. Há uma diferença entre uma e outra que chama a atenção. A norma padrão seria aquela que está posta nas gramáticas, já a culta seria aquela utilizada pela classe social prestigiada, o que já se configura em um preconceito, tanto que Bagno (2007) alerta nos seus estudos que, antes de tudo, o preconceito linguístico é um preconceito social.

A análise dos dados, a seguir, vai mostrar de que forma estão sendo trabalhadas as variações linguísticas nos livros didáticos de Língua Portuguesa.

3 ANÁLISE DOS DADOS

O capítulo *cinco* do livro de Língua Portuguesa “Português - língua – literatura – produção de texto”, volume 1, das autoras Abaurre, Pontara e Fadel (2005), do ensino médio, que foi adotado pelas escolas públicas brasileiras do PNLEM 2009, objetiva, de início, fazer com que o aluno se situe sobre o tema que será tratado a seguir, ou seja, o estudo sobre a linguagem, título do referido capítulo. Primeiramente, o livro, na página 76, traz uma relação entre linguagem e língua com uma tirinha de ITURRUSGARAI, Adão, *La vie en rose*. Na tirinha, os dois personagens se comunicam. Com isso, a tirinha traz como ponto principal mostrar que temos e somos linguagem, essa ideia pode ser facilmente concebida se atentarmos para o fato de que o que nos torna diferentes de outros seres é a faculdade da linguagem, e que nós mesmos a criamos e fazemos consciente e inconscientemente uso da mesma para viver. Na página seguinte, dando continuidade à relação entre língua e linguagem, são trabalhados os signos linguísticos. Acreditamos que a intenção do autor do livro é que os alunos do 1º ano do ensino médio entendam que, além da fala e da escrita, existem outros tipos de linguagem, como os apresentados no livro. O que podemos observar, por exemplo, com a utilização de

sinais de trânsito que, mesmo não trazendo nada escrito, exprimem um significado, uma vez que esse tipo de linguagem está presente em nossa rotina diária.

Dando continuidade as análises, na página 78, observamos uma tirinha de WATTERSON, Bill, *O melhor de calvin*. Nessa tirinha, há um diálogo entre dois personagens, Calvin e a sua mãe. O que chama mais atenção no diálogo dos dois é a linguagem. Os personagens apresentam diferentes interpretações sobre a mesma coisa, um “lanche”. Neste contexto, podemos perceber que há uma diferença de linguagem que está ligada a fatores extralinguísticos que influenciam a fala, como, por exemplo, a idade entre os personagens, pois Calvin é uma criança, e sua mãe já tem mais idade. Esta relação encontra-se refletida na afirmação de Bagno (2007, p. 43), quando diz: “os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes pais do mesmo modo as pessoas das gerações anteriores”.

Também na página 78, os autores trazem um tópico que trata de *variação e norma*. Podemos observar que os autores do livro, mesmo apresentando uma discussão breve sobre a variação linguística, tratam das diferentes variações, como, por exemplo, sexo, idade e classe social. Na sua proposta, eles apresentam que há mesmo essas diferenças e que elas se dão pela pronúncia, morfologia e sintaxe. Afirmam ainda que essa diferenciação é perfeitamente natural e aceitável, já que em uma língua com tantas pessoas diferentes e dinâmicas, as variações certamente irão ocorrer. Essa página ainda traz outra tirinha, dessa vez, de GONSALES, Fernando, *Niquel Náusea – Com mil demônios!!*. Nessa tirinha, um personagem fala *bicicreta, cocrete, cardeneta* e outra personagem diz que ele está falando errado. De acordo com Bagno (2007), a troca de R pelo L é um “equivoco” perfeitamente aceitável, já que antes a Língua Portuguesa, e outras mais, faziam uso dessa troca, o que se constitui como uma tendência muito antiga do português, chamada de *rotacismo*.

Logo no início da página 79, os autores do livro trazem uma discussão bastante pertinente para estudantes de ensino médio ao tratarem as variações de modo claro e objetivo. Primeiro, há um parágrafo sobre os falantes de “prestígio”, ou seja, socialmente valorizados que desconhecem e chamam de errados os falares que não conhecem, o que os autores do livro consideram como um equívoco. E trazem, ainda, um complemento sobre o mesmo assunto ao alertarem para o fato de que não existem falares feios, bonitos, bons, ruins, piores, melhores etc, o que existe é um povo que se comunica e se expressa de acordo com suas necessidades e influencias sócio culturais e isso não deve ser deixado para trás, ou simplesmente desconsiderado.

O próximo tópico do livro trata das variedades regionais e sociais. No primeiro momento, os autores do livro definem o que seja variedade regional e a identificam como sendo aquelas faladas de região pra região. Logo em seguida, procuram mostrar um pouco mais das variedades sociais, identificadas como sendo *populares*, que seriam aquelas faladas por pessoas menos favorecidas. Em contrapartida, mostram as variedades *cultas* que estão ligadas às classes mais favorecidas de nossa sociedade. Exemplos como das palavras *craro* e *muié*, ou expressões como *nós fumo* e *os menino*, mostrados no livro, dão uma dimensão melhor para os alunos que falar assim não significa falar errado, e que este fenômeno pode ser perfeitamente entendido se atentarmos para o fato de que as variedades não são apenas regionais, ou seja, que variam de região para região, elas também podem ocorrer no âmbito social, ou seja, levam em consideração a posição social que o falante ocupa, e entender que as variações irão existir entre as classes sociais mais favorecidas e as menos favorecidas.

Na sequência, ainda na página 79, pode ser visto um pouco mais sobre *as variedades estilísticas: registros*. Nesse tópico, podemos identificar outro ponto relevante nos estudos das variedades linguísticas: o uso formal e informal da linguagem. Os autores do livro trazem uma explicação bastante simples desses dois modos de fala. É conveniente que em situações como, por exemplo, uma palestra, um discurso, uma conferência, nas quais geralmente se expressa para pessoas desconhecidas o falante preze pelo uso da linguagem formal. Em outras situações como, por exemplo, uma conversa com amigos numa mesa de bar, no pátio da escola, com familiares no quintal de casa, o falante poderá usar a linguagem informal, já que se tratam de situações de convívio com pessoas próximas, íntimas. É pertinente ressaltar que em ambos os casos o falante deverá utilizar-se da adequação da linguagem, mediante o contexto ao qual está inserido. Os autores fazem ainda um breve relato sobre o uso das gírias como linguagem utilizada pelos grupos de pessoas jovens.

O espaço dedicado à apresentação das gírias é bastante importante, já que na grande maioria das vezes, as pessoas e ou grupos que fazem uso desse tipo de linguagem sofrem preconceitos pelo fato de utilizarem uma linguagem diferenciada e incompreensível para quem não faz parte de determinados grupos. Porém as gírias, são em sua essência uma forma de linguagem já que é funcional, pois proporciona comunicação e entendimento por parte dos membros de uma comunidade ou grupo falante.

Na página 81, as autoras apresenta uma proposta educativa ao falar abertamente sobre o preconceito linguístico, trazendo para discussão um texto de Bagno, com a intenção de estimular o pensamento crítico do aluno a respeito deste preconceito que, para Bagno (2007), antes de ser linguístico, é social. O livro apresenta ainda propostas de exercícios com o foco

voltado para o preconceito linguístico, tornando possível um maior envolvimento do aluno com um tema, até pouco tempo atrás, indiscutível em salas de aula. O que é bastante proveitoso, já que como apoio ao tema e as posições sustentadas no capítulo as autoras, trazem um texto sobre a opinião e posicionamento de uma autoridade na área da sociolinguística. Subsidiando dessa forma uma referência para que a partir das discussões proporcionadas pelo livro e pelas aulas de língua portuguesa o aluno tenha um suporte, ou uma direção para mais estudos, e pesquisas acerca da própria língua.

Como se sabe, o estudo das variações linguísticas é necessário e indispensável na vida dos estudantes e usuários da língua, mesmo sendo um tanto recente, principalmente no contexto da educação básica, em que a prioridade das políticas educacionais está atrelada a um ensino estruturalista da língua, sem espaço para o “diferente”. Neste sentido, as propostas de atividades são vistas como muito propícias e favoráveis ao aprendizado, pois dão ao aluno direito de expressão e voz, a respeito da temática.

O livro que compõe o *corpus* deste trabalho, mais precisamente, o capítulo cinco, traz, para as discussões em sala de aula, a posição assumida pelos autores do livro sobre a situação enfrentada pelos legítimos usuários da língua, permeada por preconceitos e opressões. Com isso, os autores têm a intenção de formar leitores críticos frente ao preconceito linguístico, até então desconhecido ou ignorado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem teórica de nosso estudo, fixada nas concepções de Bagno (1999, 2003, 2007) e Antunes (2007), mostra a preocupação com o preconceito linguístico tão arraigado ainda na sociedade brasileira, apesar de atualmente termos como apoio a Sociolinguística para explicar o fenômeno da variação dentro de um país tão diversificado.

Nosso objetivo foi perceber e identificar como as variações linguísticas vêm sendo abordadas e trabalhadas em salas de aula, com alunos do ensino médio. Sabe-se de certo que, até pouco tempo, as escolas e os livros didáticos pregavam a norma-padrão como algo “certo”, “bonito”, invariável e inatingível, que deveria ser dominada pelos bons usuários da língua.

É pertinente lembrar que os livros distribuídos pelo governo são, em sua grande maioria, produzidos na região sul do país, região essa, com maior poder aquisitivo, melhores condições de escolarização e maior poder financeiro. Dentro deste contexto, a variação

linguística era vista como um erro fatal, o qual não poderia ser cometido jamais pelos bons usuários da língua. Esse erro, em sua grande maioria, vinha representado por falantes rurais, com pouca escolaridade, e com baixo poder aquisitivo. Talvez por isso possa se explicar a numerosa presença dos personagens da turma da Mônica, como o Chico Bento, na maioria dos livros didáticos, quando por acaso mencionam as variações linguísticas, como se o “erro” fosse único e exclusivo dos usuários rurais e ligados à região nordeste do país, que é vista como uma região de falar “feio” e “errado”.

Nossas análises mostram que há um progresso na direção dos estudos voltados à variação linguística. Com um incentivo da Sociolinguística, o capítulo do livro analisado trabalha de forma esclarecedora não apenas a variação diastrática e diatópica, como apresenta, também, variações estilísticas, gírias e textos que trabalham e refletem a abrangência e os impactos gerados na sociedade por esse tema nos dias atuais.

Neste caso, enfatizamos as contribuições de nossos estudos que podem ser aplicadas desde a escolha do livro didático (LD), quando a equipe realiza as análises e elege qual o manual que será adotado pela instituição de ensino. Nesse momento, a equipe deve atentar se o livro cumpre com o que propõe, se realmente aborda as variações linguísticas ou apenas cita-as, mascarando, assim, o fenômeno da variação, ou ainda se aborda o assunto de maneira preconceituosa.

Outra contribuição que é bastante viável é que se o professor responsável pela disciplina de Língua Portuguesa não teve a oportunidade de analisar o LD no momento da seleção do material, ele deve partir de nossos pressupostos teóricos e de nossas análises, adequando seu plano de aula e/ou seu material com leituras complementares, de modo que se o LD não atender às expectativas do professor, este não se detenha ao comodismo de trabalhar com seus alunos apenas o que está posto no LD, trazendo também assuntos que fazem parte da vida cotidiana destes alunos.

Além disso, sabe-se que o estudo sobre as variações da língua é de suma importância para todo e qualquer falante de uma determinada língua, considerando todos os falantes, independente de localização, posição social, costumes e cultura. Com isso, seria pertinente colocarmos aqui que o avanço apresentado no livro representa uma pequena parcela da mudança sobre a visão radical e estruturalista do emprego da língua para sua aceitação, diríamos até, compreensão, dentro de situações reais de uso.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **A norma oculta:** língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Preconceito linguístico:** o que é, e como se faz. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.